

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

**Jovens diante da história: ensino, aprendizagem e consciência histórica
de jovens no Brasil e na Argentina**

Luis Fernando Cerri *
Gonzalo de Amézola **

Resumo: O projeto de pesquisa “Jovens brasileiros e argentinos diante da História”, dirigido pelos autores, é apresentado em suas justificativas (a necessidade de projetos de pesquisa destinados a produzir conhecimentos sistemáticos e generalizáveis sobre o ensino e a aprendizagem de história nos dois países, de modo a favorecer a integração internacional), a inspiração (o projeto europeu Youth and History, desenvolvido ao longo dos anos 90), método e adaptações (*survey* a partir de questionários fechados para professores e alunos, complementado por pesquisa qualitativa com entrevistas a partir de sujeitos escolhidos por amostragem) e situação atual (preparação e adaptação cultural dos questionários para o *survey*).

Abstract: The research project “Brazilian and Argentine youth in the face of the History”, coordinated by the authors, is presented through its justifications (the need for research projects destined to generate systematic and generalized knowledge about history teaching and learning in both countries, as a way to promote the international integration), the inspiration (the European project Youth and History, developed along the 90’s), method and adaptations (survey starting from closed questionnaires to teachers and students, completed by qualitative research with interviews of individuals chosen by sampling) and actual situation (preparation and cultural adaptation of the questionnaires to the survey).

Que sabem os jovens sobre a História?

Que sabem os professores sobre o ensino de História?

Tanto no Brasil quanto na Argentina, temos testemunhado, nas últimas décadas, a formação de comunidades acadêmicas e campos de conhecimento voltados para o estudo, o debate e a proposição de alternativas para o ensino de História (AMÉZOLA, 2002; CERRI, 2003). Essas comunidades de professores e pesquisadores foram responsáveis por diversos sucessos em distintos campos, sendo que um dos mais notáveis pode ser identificado na renovação teórica promovida, pela qual o ensino de História ultrapassa o campo da

* Departamento de História e Mestrado em Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa – PR, Brasil. Pesquisa financiada pela Fundação Araucária.

** Departamento de Historia - Universidad Nacional de La Plata; Universidad Nacional de General Sarmiento – Argentina.

metodologia do ensino (sem abandoná-lo) e conquista o espaço da reflexão teórico- prática sobre a aprendizagem e sobre todo o contexto do amplo fenômeno social que envolve o aprender e o ensinar História. Tratou-se não de um movimento nacional, mas de uma virada epistemológica conduzida ao longo dos anos 70 e 80, e registrada em diversos outros países (cf., p. ex., RÜSEN, 2006; ZAVALA, 2005), na qual deslocam-se as perguntas e o objeto do campo de investigação e ação: de “como ensinar”, as questões espraiam-se para “por quê ensinar, para quem, a favor de quem ou do quê, a serviço de quem, quando, onde ...”. Essa virada significa uma ampliação de objetos e, parafraseando uma coleção francesa dos anos 70, de Le Goff e Nora, novos objetos, novas abordagens, novos problemas.

Movimento contínuo (embora não se possa precisar uma relação de causalidade, mas sim de concomitância), o ensino de História desenvolvido nas escolas e nos cursos de formação de professores sofre mudanças. São desenvolvidos novos materiais e procedimentos, currículos e programas, novos temas. Passadas duas décadas, entretanto, o balanço é controverso, e há uma sensação de que a inércia de mais de um século de sistema educativo não tenha sido significativamente rompida pelos “ventos da mudança” (é o que afirma entre outros, para o caso brasileiro, ABUD, 2004). Ao lado do refinamento das referências teóricas e metodológicas para investigar esse descompasso entre discussão acadêmica e a realidade percebida do ensino de História nas escolas, vem crescendo a noção de que pouco podemos dizer, de modo fundamentado e generalizado, sobre o efetivo estado do ensino e da aprendizagem da História nos nossos países, uma vez que os sinais da realidade são fragmentados e contraditórios.

É nesse quadro que se insere a pesquisa em tela. Sua justificativa tem base na idéia de que temos poucas possibilidades de fazer afirmações gerais sobre o estado atual do ensino de história, da aprendizagem histórica, da cultura política e da consciência histórica dos professores e alunos de História, de que sabemos pouco e assistematicamente sobre o que sabem e o que pensam alunos e professores sobre a História. A justificativa se completa diante da percepção da necessidade de saltos qualitativos na pesquisa nesse campo, e da hipótese de que grandes *surveys* podem fornecer a toda a comunidade de pesquisadores uma sólida base comum sobre o “estado da arte”, a partir da qual seja possível orientar, pela livre interpretação dos sujeitos, caminhos de ensino e pesquisa que possam contar com uma abordagem cumulativa, superando o “eterno retorno” a muitos temas e problemas sobre os quais temos opiniões, mas cuja situação atual desconhecemos de forma sistemática (embora conheçamos de forma assistemática).

Dois conceitos são importantes para orientar teoricamente um processo de pesquisa sobre esse objeto tão amplo (o estado atual do ensino e da aprendizagem histórica que, obviamente, não se resumem aos espaços educacionais institucionais). Trata-se do conceito de consciência história e do conceito de cultura política. Quem resume o primeiro conceito é RÜSEN, para quem a consciência histórica é “a suma das operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência da evolução temporal de seu mundo e de si mesmos, de forma tal que possam orientar, intencionalmente, sua vida prática no tempo.” (RÜSEN, 2001, p. 57). Uma descrição mais sintética é “o grau de consciência da relação entre o passado, o presente e o futuro” (ANGVIK e BORRIES, 1997, p. 403); o debate sobre o conceito vem sendo feito por diversos autores, sendo que Cerri (2001) apresenta uma síntese provisória. Para Rösen (2001), a consciência histórica inclui as operações mentais (emocionais e cognitivas, conscientes e inconscientes), através das quais o tempo experienciado em forma de memória é usado como meio de orientação na vida diária.

O conceito de cultura política é tomado a partir da síntese de Fábio Lopez de la Roche, que comenta a multiplicidade de temas e abordagens que o conceito cobre e alerta para os problemas do uso do conceito. Trata-se, enfim, de um instrumento teórico de fronteiras amplas, o que traz desvantagens e vantagens. Entre as vantagens está a de estimular a comparação intercultural, ao definir seu objeto de modo estrutural e sistemático (na vertente da “cultura cívica” como “el patrón de actitudes individuales y de orientación com respecto a la política para los miembros de un sistema político. Es el aspecto subjetivo que subyace en la acción política y le otorga significados.” (ALMOND e POWELL, citados por ROCHE, 2001, p. 38).

O projeto Youth and History – um survey intercultural sem precedentes na década de 90

A prática de pesquisas interculturais referentes ao ensino e aprendizagem dos saberes históricos não é recente. Seu primeiro ímpeto remonta a análises comparativas de livros didáticos de História. Ao final dos anos 80, segundo aponta Borries (1993), surgiram as primeiras pesquisas voltadas para a opinião e as representações dos alunos sobre a História. Esse autor tem desempenhado um papel expressivo nas pesquisas interculturais no âmbito da Didática da História, e seu trabalho, juntamente com o de Rösen, foi fundamental para o surgimento do projeto “Youth and History”.

O projeto “Youth and History”, desenvolvido nos países europeus a partir de 1994, com base na rede European Standing Conference of History Teachers Associations procurou dar respostas às questões sobre a qualidade, as características e os resultados do ensino de História, bem como sobre a configuração geral da consciência histórica dos jovens europeus. Isso foi feito a partir de um levantamento comparativo de amplo alcance, através de um questionário respondido por jovens de 15 anos de 25 países europeus mais Israel e Palestina e seus professores de História, versando sobre conteúdos, métodos e concepções de História e cidadania, com sustentação no conceito de consciência histórica. O levantamento europeu conseguiu 31.000 respondentes. A pesquisa constituiu-se da elaboração, aplicação e tabulação de um questionário para alunos e outro para professores, definido após várias reuniões entre as dezenas de pesquisadores de toda a Europa, liderados por Magne Angvik e Bodo von Borries ¹.

O questionário sistematizou vários temas que se desdobraram em perguntas organizadas como afirmações, às quais os alunos responderam assinalando um dos itens de uma escala de valoração que ia de “concordo totalmente” a “discordo totalmente”, passando por “concordo”, “indeciso” e “discordo”. Os alunos responderam, além de informações para contextualizar cada indivíduo, sobre a sua concepção e a importância da história, credibilidade em fontes de conhecimento histórico, descrição e aproveitamento das aulas de história assistidas, concepções de futuro, conhecimentos cronológicos, interesse por períodos da história, assuntos ou temas históricos, conhecimento e avaliação de fatores de mudanças históricas atuais e futuras, avaliação e imagens atribuídas aos períodos e personagens da história, atribuição de causas às mudanças no Leste Europeu, expectativas de futuro pessoal e de futuro da Europa (um dos motivos principais da pesquisa é a produção de conhecimento útil para sobre o processo de unificação da Europa), motivos da divisão das sociedades em classes, perguntas de reações pessoais se vivendo situações do passado (como casamentos forçados, por exemplo), fatores de composição da nacionalidade e da soberania sobre um território, preservação de patrimônio histórico, conceitos de nação, posicionamentos políticos controversos quanto a questões prementes nos países ou na Europa em geral.

Os professores responderam a questões de contextualização do indivíduo nos países, de formação acadêmica, experiência docente em anos, particularidades curriculares no ensino da história, avaliação da capacidade intelectual dos alunos, significado de religião e de política para a vida cotidiana do professor, seu posicionamento político, períodos da história

¹ Há uma descrição sumária do projeto e seus resultados em http://www.erzwiss.uni-hamburg.de/Projekte/Youth_and_History/homepage.html.

ênfatisados, conceitos mais importantes ensinados, métodos de ensino – aprendizagem, objetivos do ensino da história, interesse dos alunos, principais problemas do ensino de história no país segundo a visão do professor, fatores de mudança histórica que considera mais relevantes e projeção de futuro quanto a fatores de mudança histórica.

Os resultados da pesquisa são em parte previsíveis ou impeditivos de maiores generalizações, mas também significativos para a reflexão sobre educação, ensino de história e consciência histórica. O primeiro dado é que a influência do professor de história sobre as opiniões históricas do aluno é, no mínimo, limitada, como também é limitada a influência dos currículos oficiais de história sobre o trabalho do professor e seu resultado. A pesquisa permite concluir que os elementos narrativos constantes dos currículos oficiais ou da formação que os professores recebem não passam a salvo para a opinião dos alunos. Assim, é comum encontrar opiniões divergentes sobre a história entre o âmbito oficial, incluindo aí a escola, e os alunos que se relacionam com essas esferas, o que nos conduz para a conclusão de que a formação histórica dos alunos depende apenas em parte da escola, e que precisamos considerar com interesse cada vez maior o papel dos meios de comunicação de massa, da família e do meio imediato em que o aluno vive se quisermos alcançar a relação entre a história ensinada e a consciência histórica dos alunos. Um outro aspecto considerável refere-se à “modernização” dos processos de ensino e aprendizagem em história, que são muito mais restritos do que o investimento em formação de professores a partir de novas concepções, conteúdos e técnicas podem supor, o mesmo valendo para o esforço de especialistas em educação instalados na burocracia estatal e seus projetos de mudança de rumo do ensino em geral, e em particular do ensino da história. Uma hipótese considerável em relação a esse tópico é a de que a função social do ensino da história transcende os projetos contemporâneos e liga-se a uma necessidade de perpetuação do grupo (Estado – nacional) sobre a qual a capacidade de influência do debate contemporâneo é restrita.

A pesquisa européia, que sucedeu outras investigações de menor fôlego, deu espaço a uma grande quantidade de encontros, debates, publicações e estudos (por exemplo, na coletânea organizada por Leeuw-Roord, 1998). Um deles, “Is history teaching up to date?” de Signe Barschdorff, por exemplo, coloca em questão o tema da inovação e as características temáticas, políticas e metodológicas do ensino nos países participantes da pesquisa.

No Brasil, Schmidt e Garcia aplicam o conceito de consciência histórica em experiências de sala de aula com base em materiais de acervo familiar em escolas de Curitiba e região metropolitana. Outro estudo é a dissertação de mestrado de Maria Rosa Chaves Künzle, defendido no PPGE da UFPR em 2003, intitulado “O ensino de história e o conceito

de nação: um instrumento de pesquisa”. Tal estudo selecionou algumas das questões do instrumento europeu para os alunos, referentes à nação, história e identidade nacional, adaptando-as para o contexto da história e cultura política do Brasil, aplicando-as em escolas públicas e particulares de Ensino Médio da cidade de Curitiba. Além disso, desenvolveu método para quantificar e cruzar respostas utilizando planilhas de dados.

Jovens brasileiros e argentinos diante da História – um piloto para um survey intercultural latino-americano

Estudos que abordam o tema da consciência histórica, como qualquer outro tema das ciências humanas, podem ser formatados a partir de diversas perspectivas, tanto qualitativas como quantitativas. A bibliografia pertinente aponta a complementaridade entre estudos quantitativos e qualitativos, dada a maior capacidade de abrangência dos primeiros com a maior profundidade dos segundos. Desta forma, apresentam-se possibilidades como o *survey Youth and History* (já mencionado), as pesquisas comparativas interculturais baseadas em questionários fechados e / ou abertos (Borries, já citado), a utilização de redações e outras produções dos alunos (Pais, 1999), discussões em grupo dirigidas (Kölbl e Straub, 2001). Segundo Rüsen (2001), as abordagens metodológicas da consciência histórica devem levar em conta que este objeto expressa-se em representações narrativamente estruturadas do passado, cuja obtenção e análise dos respondentes, qualquer que seja o método, é a base para o estudo sistemático deste tema.

O estudo foi iniciado pela discussão e análise dos questionários do projeto *Youth and History*, concomitantemente ao estudo de instrumentos de pesquisas relacionadas, de modo a constituir propostas de instrumentos que, de acordo com os pesquisadores envolvidos, tenham validade intercultural. Isso significou, além de tradução para o vernáculo, a busca de linguagem não - ambígua, utilização de exemplos e estímulos com efeito similar em cada um dos países ou regiões, reflexões sobre as características dos depoentes e respectivos cuidados a tomar na elaboração do material, e assim por diante.

No que se refere às diferenças construídas entre os questionários, podemos apontar o que segue. Foram feitas adaptações quanto a itens que, embora importantes no questionário europeu, tinham pouco significado no contexto sul-americano. Foram retiradas, por exemplo, questões referentes a conflitos étnicos e imigração recente, mudanças nos países socialistas, reparação de nações africanas ou referências ao processo colonizador na condição de metrópole, questões que envolviam uma profundidade temporal ausente na América (como

casa rústica de 300 anos ou igrejas medievais). Por outro lado, uma série de questões pertinentes para o nosso contexto, não contempladas no questionário europeu, foram incluídas: os heróis nacionais (canônicos e subversivos), as ditaduras militares, o papel das mulheres.

O exercício da reforma do questionário apontou também os limites das pesquisas interculturais, sobretudo nas questões que, embora candentes para um país (como o caso das reparações aos negros pela escravidão e o racismo, no Brasil), não são relevantes para a Argentina e outros países do cone sul. Por outro lado, o tema das ditaduras militares da segunda metade do século XX é presente em praticamente todos os países latino-americanos, o que viabiliza questões sobre o tema, ao contrário do que ocorreu na Europa, devido a uma maior heterogeneidade política entre os países envolvidos.

Referências

ABUD, Kátia Maria. História que não muda. *Nossa História*. Rio de Janeiro, p. 19-20, 01 jul. 2004.

AMÉZOLA, Gonzalo de. Tirando el niño com el agua sucia. *Clio & Asociados*. Santa Fe, n. 6, p. 133- 154, 2002.

ANGVIK, Magne e BORRIES, Bodo von (eds.) *Youth and History*. A comparative european survey on historical consciousness and political attitudes among adolescents. Hambourg: Edition Körber-Stiftung, 1997. Vol. A.

BARSDORFF, Signe. Is history teaching up to date? In: LEEUW-ROORD, Joke van der. *The state of History Education in europe*. Challenges and implications of the “Youth and History” Survey. Hamburg: Ed Körber-Stiftung, 1998, p. 77 -102.

BORRIES, Bodo von. Bodo von Borries, “*Exploring the construction of historical meaning: Cross-Cultural Studies of Historical Consciousness Among Adolescents*”. Disponível em <http://waxmann.com/fs/borries.pdf> Acessado em 24/04/2006.

Brasília: Editora da UnB, 2001.

CERRI, Luis Fernando. Didática da História no Brasil: Um panorama. *Trabajos y comunicaciones (2ª época)*. n. 28-29, p. 125- 141, 2002- 2003.

CERRI. Os conceitos de consciência histórica e os desafios da Didática da História. *Revista de História Regional*. Ponta Grossa, v. 6, n. 2, p. 93 – 112, 2001.

KÖLBL, Carlos & STRAUB, Jürgen. Historical Consciousness in Youth Theoretical and Exemplary Empirical Analyses. *Forum of Qualitative Social Research*. v. 2, n. 3, sept. 2001, Disponível em <http://www.qualitative-research.net/fqs>. Acessado em 24/04/2006.

KÜNZLE, Maria Rosa Chaves. *O ensino de História e o conceito de nação: um instrumento de pesquisa*. Curitiba: Dissertação de Mestrado PPGE-UFPR, 2003.

PAIS, José Murilo. *Consciência histórica e identidade*. Oeiras: Celta, 1999.

ROCHE, Fábio López de la. Aproximaciones al concepto de cultura política. In: HERRERA, M.C. e DÍAZ, C.J. (comps.) *Educación y Cultura política: una mirada multidisciplinaria*. Bogotá: Plaza & Janés Editores, 2001, p. 29-58.

RÜSEN, Jörn. Didática da história: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. *Práxis Educativa*. Ponta Grossa, PR, v. 1, n. 2, p. 7 – 16, jul.-dez. 2006.

RÜSEN, Jörn. The History Didactics in West Germany: towards a new self-awareness of historical studies. *History and Theory*, v. XXVI, n. 3, p. 275 – 283, 1987.

_____. What is Historical Consciousness? - *A Theoretical Approach to Empirical Evidence*. Paper presented at *Canadian Historical Consciousness in an International Context: Theoretical Frameworks*, University of British Columbia, Vancouver, BC, 2001. Disponível em <http://www.cshc.ubc.ca/pwias/viewabstract.php?8>, acessado em 20/04/2006.

_____. *Razão Histórica – Teoria da História: os fundamentos da ciência Histórica*.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora e GARCIA, Tânia Braga. A formação da consciência histórica de alunos e professores e o cotidiano em aulas de história. *Cadernos do CEDES*. Campinas, SP, v. 25, n. 67, p. 297-308, set./dez. 2005.

ZAVALA, Ana. Enseñamos, narramos, teorizamos ... In: ZAVALA e SCOTTI. *Historias de la enseñanza de la historia. Relatos que son ... teorías*. Montevideo: CLAEH, 2005.